



Escritores da diáspora brasileira:

ações editoriais e
processos de alteridade

Organização e introdução por
Else R. P. Vieira

Escritores da diáspora brasileira:

**ações editoriais e
processos de alteridade**

**Organização e introdução
Else R. P. Vieira**



Escritores da diáspora brasileira: ações editoriais e processos de alteridade

Copyright © 2015 by Else R. P. Vieira

Todos os direitos reservados

Capa

Túlio Oliveira

Revisão

Dos autores

Foto da capa

Busto do Machado de Assis, escultora Genise Amorim (2008), doada ao *Brazilian Endowment for the Arts* (BEA)/Biblioteca Brasileira de Nova York, por ocasião da celebração do centenário do escritor, com a exposição "Unveiling Machado".

Crédito da foto

Ivan Domínguez

Projeto Gráfico e diagramação

Casadecaba Design e Ilustração

Proibida a reprodução total ou parcial.

Os infratores serão processados na forma da lei.

E74 Escritores da diáspora brasileira: ações editoriais e processos de alteridade / organização e introdução: Else R. P. Vieira. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015.

184 p. ; 16x23 cm

ISBN: 978-85-7160-666-1

1. Escritores brasileiros 2. Literatura brasileira. I. Vieira, Else R. P. (Org.)

CDD: B869.092

CDU: 82.02(81)

Produção Gráfico-editorial

MAZZA EDIÇÕES LTDA.

Rua Bragança, 101 – Pompeia

30280-410 BELO HORIZONTE – MG

Telefax: + 55 (31) 3481-0591

edmazza@uai.com.br – www.mazzaedicoes.com.br

Sumário

Nota prévia: Uma trajetória metodológica.....	11
por Else R. P. Vieira e Hideíde Brito Torres	
Introdução: A literatura da diáspora brasileira: lócus institucional e percursos editoriais dos escritores	19
por Else R. P. Vieira	
Capítulo 1: Domício Coutinho: um cultor e mecenas da literatura brasileira em Nova York.....	41
por Cinthia Lopes de Oliveira e Else R. P. Vieira	
Capítulo 2: Roberto Khatlab e o caso <i>brasilbanês</i> : reterritorialização, hospitalidade e alteridade	59
por Dulcilene Brito Lopes	
Capítulo 3: Vera Lúcia de Oliveira e a questão das fronteiras.....	73
por Hélien Rodrigues Oliveira Góis	
Capítulo 4: Natan Barreto e a poética do afeto: "ser dos trópicos e se encontrar europeu"	85
por João Felipe Barbosa Borges	
Capítulo 5: Vilmara Bello: entre o silêncio e a expressão através do mundo.....	103
por Hideíde Brito Torres	
Capítulo 6: Beti Rozen: a literatura sem fronteiras.....	117
por Maria Cristina de Melo	

Capítulo 3

Vera Lúcia de Oliveira e a questão das fronteiras

Héllen Rodrigues Oliveira Góis¹

Este capítulo pretende, a partir de uma entrevista com a escritora Vera Lúcia de Oliveira, realizada em maio de 2014, focalizar suas ações editoriais e processos de alteridade e, ainda, mostrar como sua obra articula as nuances existentes entre a arte e o viver longe da terra natal, numa perspectiva de se entender a sensação de ser estrangeira ou se há uma superação dessa percepção. Sensibilidade fina, concisão que diz tudo. Assim, são muitos de seus poemas. Deixando de lado adornos, a escritora concentra-se no que há de especial, o lugar do homem no mundo, mesmo elegendo a crise como valor. Por meio da sonoridade das palavras, o país de origem se faz presente. Através de vocábulos que se traduzem em imagens, o país de acolhimento revela a beleza que a atraiu.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

DADOS BIOGRÁFICOS E SOBRE A DISSEMINAÇÃO DE SUA OBRA E A CONSTITUIÇÃO DE UM PÚBLICO LEITOR

Vera Lúcia de Oliveira nasceu em Cândido Mota, em 1958, e residiu na cidade de Assis, no interior de São Paulo, até o ano de 1983, quando passou a viver na Itália. Formou-se em Letras pela Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), em 1981, e em Línguas e Literaturas Estrangeiras, em 1991, pela *Università degli Studi di Perugia*, na Itália. Neste mesmo país, obteve o título de doutorado pela *Università degli Studi di Palermo*, em 1997 (OLIVEIRA, 2006b, p. 74-77). Atua como professora e pesquisadora de Literaturas Portuguesa e Brasileira na *Università degli Studi di Perugia*. Possui numerosos artigos e ensaios publicados em revistas brasileiras, portuguesas, espanholas e italianas. Sua produção inclui, além de belíssimos livros de poesia, a tradução, para o italiano, de autores brasileiros como Manuel Bandeira, Carlos Nejar e Lêdo Ivo (VIEIRA, 2013a, p. 74-76).

Na entrevista, informou-nos que escreve desde criança: “não sei se gostava de ler porque eu gostava de escrever ou o contrário”.² Começou narrando pequenas histórias que inventava. Muitas delas eram inspiradas em pessoas que viviam num bairro de periferia perto da escola onde estudava, aqui, no Brasil. Por ser tímida, não perguntava a elas sobre suas vidas. Disse que se projetava e tentava se colocar no lugar dessas pessoas para criar suas histórias. Mais tarde, escolheu a poesia como instrumento de trabalho e encontrou, nesse gênero literário, a forma ideal para expressar seus sentimentos ou angústias.

Vera Lúcia é uma autora que consagrou uma “criação poética em igual patamar de qualidade em duas línguas” (VIEIRA, 2013c, p. 74): o português e o italiano. No passado, traduziu suas próprias obras. Hoje, procura não misturar os dois idiomas num mesmo texto ou num mesmo livro, porém, reconhece que certos elementos, mais profundos, passam de uma língua para outra, com certa musicalidade e ritmo.

Para a autora, um determinado livro quer uma determinada língua e só nela, e por ela, pode ser exteriorizado. Em 1996, produziu o livro *Tempo*

² Entrevista a mim concedida pela escritora em Juiz de Fora, em maio de 2014.

de doer em português; em 1999, *La guarigione*, em italiano; em 2001, *Pássaros convulsos*, em português; em 2005, *Verrá l'anno*, em italiano; em 2006, publicou *No coração da boca*, em português e, em 2009, *La carne quando è sola*, em italiano (OLIVEIRA, 2014b, s.p.).

Questionada sobre como ocorreu a tradução ou a autotradução, mencionada acima, relatou-nos que esse foi um processo necessário, no início de sua carreira, para que pudesse passar para o italiano os seus textos em português. Exemplifica esse fato com *Geografie d'ombra*, um livro de poesia publicado em 1989, dividido em três partes – as duas primeiras escritas em italiano e a terceira em português. Segundo a autora, as editoras não aceitavam publicar a obra só em português, razão que a levou a traduzi-lo. Ela nos informou que é citada, dentro da chamada “literatura migrante”, na Itália, como uma das primeiras a publicar traduções de sua própria obra. Disse, ainda, que, naquela ocasião, sentia-se legitimada por grandes nomes, como Samuel Beckett, a realizar esse processo.

Para Vera Lúcia, quem funda a literatura são os escritores. Eles têm uma ética, algo profundo e forte dentro de si. Cabe aos escritores encontrar o seu caminho. Trata-se de uma autora que deseja sondar a vida, vasculhar a alma humana, ver a luz e a sombra de cada um, desvendar cada minuto da vida. Muitas vezes, ela ressalta a especificidade da língua italiana em relação à brasileira e, também, sua mútua complementaridade, já que ambas são línguas neo-latinas.

Sua temática é bastante variada e diz respeito a questionamentos sobre o ser e a vida, a morte, a relação com o mundo, a consciência da dor, as lembranças da infância, sobre a emigração e outras questões existenciais. Pequenas histórias são captadas e ganham expressividade em versos concisos, claros e despojados. Versos livres que descortinam o espaço, que recriam o país de origem, sem idealizações. Um trabalho expressivo quanto às sensações.

Sobre um possível diálogo entre suas obras e as ideias ou estereótipos do Brasil projetados no exterior, Vera Lúcia nos disse que isso não ocorre na sua poesia, apenas nos seus ensaios. Como professora universitária, em um país estrangeiro, ela procura desconstruir esses estereótipos, brincando com eles, levando seus alunos a repensar o Brasil, a repensar a cultura brasileira.

Em relação à promoção e à divulgação dos livros, das poesias, a autora informou que, para romper com o isolamento, sempre procurou enviá-los para

concursos e prêmios literários, nacionais e internacionais, escolhendo aqueles que garantiam a publicação dos mesmos livros e os que lhe pareciam mais imparciais.

A escritora destacou dois concursos realizados no exterior. Um promovido pela editora SEF – *Società Editrice Fiorentina* e outro promovido pela editora Fara. No primeiro, publicou o livro *La carne quando è sola*, mas ressaltou que a distribuição dessa editora não foi muito expressiva. Já a editora Fara, que publicou *Verrá l' anno*, teve uma distribuição bastante significativa.

No Brasil, o destaque editorial mais recente foi em relação ao livro *Entre as junturas dos ossos*, publicado e distribuído pelo Ministério da Educação. Não se conhece, segundo a poeta, nenhum livro de poesia publicado, aqui, em 110.000 cópias. Não podemos deixar de mencionar a antologia *A chuva nos rúdos* (2004), pela Editora Escrituras. O volume, que reuniu livros publicados na Itália, foi lançado com a presença de Vera Lúcia, em São Paulo. Em 2005, a obra recebeu o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, como livro do ano, surpreendendo a autora e gerando nela um sentimento de retorno ao seu país natal.

Como podemos notar, Vera Lúcia de Oliveira, poeta bilíngue, trabalha com editoras estrangeiras e nacionais. Quanto ao lançamento de sua obra e o papel das editoras na promoção desta, a autora nos respondeu que, em geral, só consegue fazer um lançamento no Brasil, já que não vive aqui. Sente falta de contato com a imprensa local.

Sobre o uso dos meios digitais para a disseminação de seu trabalho, Vera Lúcia possui um site (<http://www.veraluciadeoliveira.it>) que atualiza constantemente. Nele, acompanha o número de visitantes e a nacionalidade de seu público. Também possui uma página no *Facebook* com o qual diz conseguir manter um diálogo, sobretudo com jovens que lhe escrevem, amigos, escritores e colegas universitários.

A autora disse que não possui um grande público leitor. Menciona que, em geral, são universitários com algumas peculiaridades que, para ela, são importantes, como o amor por esse gênero literário, a poesia. Vera Lúcia gosta de habitar a fronteira e vê a poesia como uma linguagem de fronteira, por isso, não se incomoda de não possuir um público muito numeroso.

No Brasil, suas obras chegam ao público principalmente por meio de palestras e eventos realizados por universidades. Recentemente, aceitou

convites da USP (Universidade de São Paulo), da UNESP (Universidade do Estado de São Paulo) e da Universidade Federal de Três Lagoas. Nesses ambientes, além de atuar como palestrante, também há espaço para a divulgação de sua criação literária.

Vera Lúcia é uma autora reconhecida e premiada por sua literatura criativa. Quando ainda morava no Brasil, teve seu primeiro livro publicado – *A porta range no fim do corredor* – em 1983, e, também seu primeiro prêmio – Prêmio de Poesia Scortecchi – promovido pela editora de mesmo nome, em São Paulo.

Outros prêmios vieram, abrindo-lhe espaços, consolidando sua carreira: *A chuva nos ruídos* recebeu o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, em 2005; *Entre as juntas dos ossos* foi vencedor do I Concurso Literatura para Todos, em 2006, organizado pelo Ministério da Educação do Brasil; *Ver-rà l'anno*, obteve, na Itália, o Prêmio Internacional de Poesia Pier Paolo Pasolini, da Prefeitura de Roma, e o prêmio Popoli in cammino, ambos em 2005.

Ainda podemos citar: Prêmio Sandro Penna, em Perugia – Itália, em 1988; Prêmio Bienal de Cultura Città di Augusta, em Augusta, Itália, em 1989; Prêmio Nacional de Poesia de Senigallia, Senigallia, Itália, em 2000; o Prêmio Internacional de Poesia Altri Segni, Grisignana, Croácia, em 1999 e o volume *La carne quando è sola*, publicado em 2011, foi o vencedor do Prêmio Internacional de Poesia Alinari, promovido pela Fundação Alinari de Florença e pela Cadeira de Literatura Italiana da Columbia University de Nova York.

Vera Lúcia teve, recentemente, vários poemas incluídos, entre os de renomados poetas italianos contemporâneos, como Giuseppe Ungaretti, Eugenio Montale Sandro Penna e Andrea Zanzotto, em uma antologia organizada pela Prof^a. Lucia Strappini, da Universidade de Siena, *Tempi di versi – pagine di poesia italiana 1900–2009, annotate per lettori stranieri*.

PROCESSOS DE ALTERIDADE

Vera Lúcia, ao discorrer sobre a relação do Brasil como pátria e sua escrita em português, afirma: “não penso que minha pátria seja a língua portuguesa”. A autora demonstrou que não compartilha o sentido patriarcal que a palavra pátria carrega, mas disse, também, que, embora viva na Itália e faça

uso do italiano como língua poética, sente-se profundamente brasileira. Else R. P. Vieira analisa as duas metáforas utilizadas por Vera para elaborar seu sentido de pertencimento e identidade cultural híbrida, dentro de seu estatuto de escritora migrante: a mala, que denota mobilidade, e a parede, um elemento estrutural que, num mundo de impermanência, denota fixidez e remete ao Brasil e aos arquivos da memória (VIEIRA, 2013b, p. 40).

Como vimos, Vera Lúcia escreve tanto na língua local, o italiano, quanto na sua língua materna, o português.³ Para a autora, não há uma relação entre viver no exterior e tornar-se escritora de obras literárias. Parece que, em seu caso, foi o contrário, pois ela já escrevia e tinha um livro publicado quando foi para a Itália. Ir para o exterior lhe causou uma crise. Chegou a ficar um tempo sem escrever, pensando que um escritor não deveria deixar o seu país, que deveria viver dentro de sua língua. Contudo, estando na Itália e utilizando o italiano cotidianamente, sentia que aquela língua, vocálica e musical, penetrava-lhe os poros, ocupando espaços, e então começou a elaborar seus primeiros poemas em italiano, superando aquela crise inicial. Disse que não foi fácil aceitá-los já que sentia certa fidelidade à poesia que lhe habitava desde que soube combinar palavras para criar surpresa e beleza. Com o tempo, no entanto, passou a perceber que o importante era viver fiel às duas culturas:

(...) fiel à palavra que tem o peso de toda uma vivência, fiel às minhas duas línguas, a duas culturas, como creio muitos aqui nesse encontro. Estrangeiros no Brasil, brasileiros no estrangeiro, nunca achamos o nosso lugar e não nos restou que habitar as tantas linhas que atravessam os mapas e nos atravessam. Criamos um espaço em que essas linhas todas convergem e se conjugam, se alargam de um lado e de outro, um espaço de diálogo, uma ponte que alguém poderá, algum dia, atravessar (OLIVEIRA, 2014b, s.p.).

Embora haja um reconhecimento de uma fidelidade a duas culturas distintas, quando questionada sobre qual país considera seu lar, ela respondeu não ter um país como lar, pois não se sente “realmente em casa em lugar nenhum”,

³ V. Vieira (2013a, p. 62-67) para uma análise do bilinguismo de Vera Lúcia de Oliveira e a originalidade e fertilidade dele advindas.

mas que gosta e se sente inspirada em várias cidades, como São Paulo, Lisboa e Nápoles. Nesse sentido, há em seu poema *Canção do exílio às avessas* três versos significativos: “caminho outro país/ olho outros rostos/ sinto outras raivas” (OLIVEIRA, 2004, p. 111).

Vieira propõe o conceito de dupla captura de Deleuze para descrever a poética de Vera Lúcia, entendendo a dupla captura como uma transformação bilateral por meio dos encontros, pautada por uma absorção assimétrica das propriedades de ambos (VIEIRA, 2013b, p. 40-46). Vera Lúcia, como observado, absorve a expressividade das duas línguas. Mas a assimetria se manifesta fortemente sob outro ângulo, quando, na entrevista, ela discorre sobre seu estatuto identitário: “eu me sinto brasileira, eu não me sinto italiana”. Sua relação com o país de origem se mostra tão forte que a terra que lhe acolhe parece não ser capaz de reconhecer a terra de onde viera. O poema *Estranha* marca bem essa relação:

disse-lhe de abrupto
que não queria ser enterrada
naquele lugar
que não era dali
que aquela terra não haveria
de reconhecer a terra
de onde viera (OLIVEIRA, 2006b, p. 63).

Vera Lúcia mencionou que “a experiência da migração e do exílio, voluntário ou não, gera um sentimento permanente e insanável de perda”, o que suscitou a pergunta de como o Brasil aparecia em suas obras. Ela afirmou que o Brasil aparece como “algo que falta”, não são coisas grandes, são “coisas quase imateriais, mas que passam pelos sentidos”, como “um certo sabor”, “um barulho”. No Brasil, ela nota muitos “barulhinhos” de pássaros, cães que latem, crianças rindo nas ruas. “Coisas imateriais”, mas que lhe trazem “muitas emoções e uma grande nostalgia” – uma relação com o país de origem que pode ser descrita como visceral.

Essa relação é ricamente demonstrada em versos que traduzem as recordações da infância, como no poema *Os bijus*: “o beijueiro passava de bicicleta / um velhinho raquíptico que falava pouco / abria a lata, tirava o biju quentinho”

ou em versos como os de *A pescaria*, “quando íamos para a beira do rio o pai / ficava conversador inventava histórias / contava de quando ele era menino / o pai ria da nossa pescaria ria”, que traduzem o que há de essencial, o lugar do ser humano no mundo (OLIVEIRA, 2006b, p. 48, 56).

O que ressalta na entrevista com a escritora, quanto às suas ações editoriais e processos de alteridade, é a questão da fronteira. No tocante à sensação de ser estrangeira ou a sua superação, a poeta fala que não há uma superação. A diferença entre os autores que vivem no Brasil e os que vivem no exterior está no fato de que estes últimos habitam um espaço de fronteira e ao mesmo tempo de fratura, de ferida. Em qualquer lugar em que se encontram, procuram por sua casa. Quando em casa, sentem-se perdidos, pois há sempre a sensação de que algo ficou para trás.

Vera Lúcia é uma autora que se coloca na fronteira “mesmo por ter escolhido a poesia que é uma linguagem de fronteira”. Para ela, “a poesia é um elo que une coisas antitéticas, que liga dois ou mais sistemas, contextos e realidades muitas vezes incompatíveis, que estabelece vínculos entre geografias e histórias distantes, que cria correlações que desafiam a lógica e a racionalidade” (OLIVEIRA in GONÇALVES, *et al*, 2009, p. 51). A escrita pode ser vista como um processo de conhecimento íntimo e intrínseco do outro, capaz mesmo de caminhar em direção à alteridade. O ato de criação poética e literária pode ser entendido, no caso da escritora, como um processo de se aproximar do outro, convocar o outro para o diálogo, compartilhar histórias.

A poeta construiu, dessa forma, um percurso, adotando uma posição tanto existencial quanto literária arriscada, a dos que elegem a crise como valor, e, portanto, dos que habitam a fronteira:

Eu quero ser uma pessoa que vive a fronteira em todos os sentidos. (...) eu quero empurrar a língua ao máximo que eu posso, para que eu possa dizer as coisas da fronteira, de pessoas que estão ali. E nessa fronteira eu coloco, por exemplo, quem deixou a própria terra, o exilado (...), aquela fronteira me interessa, (...) a fronteira da doença (...) ou da velhice (OLIVEIRA, 2014a, s.p.).

Onde começam e onde terminam as fronteiras? Cada nação está cultural e historicamente tão próxima que a relação com a terra de origem e a terra de

acolhimento é, em si, a própria questão de se definir uma identidade cultural. É comum, segundo Hall (2013), às comunidades transnacionais, a família ampliada, como rede e local da memória. Por isso, não é estranho encontrarmos em escritores, que residem fora de sua terra de origem, meios de se preservar suas identidades. A escritora Vera Lúcia assim se manifestou a respeito:

Propomos talvez um antídoto ao conceito de identidade monolítica e imutável, a que recusa a abertura ao outro, um antídoto ao etnocentrismo como resposta à permeabilidade das fronteiras. A humanidade que tem fome, frio, medo, dor, não vai deixar de continuar caminhando do sul do mundo para um norte, visto como a terra sem males. As fronteiras não existem só nos mapas, elas moram dentro das pessoas e o escritor que, sem renunciar à sua identidade mais íntima, for também cidadão do mundo, vai inaugurar territórios novos de abertura e convivência (...) (OLIVEIRA, 2014b, s.p.).

Notamos que ser fiel a algo que seja coisa, animal ou pessoa é, para Vera Lúcia, ser fiel, de forma profunda, a uma identidade cultural que conjuga o peso de uma vivência em mais de uma língua, em mais de uma cultura. Para ela, as fronteiras existem além dos mapas. Elas existem dentro de nós e, por isso, os homens sempre estarão mudando, sempre estarão buscando novos territórios, territórios de aceitação. O processo de adaptação a outra cultura é sempre difícil. A nostalgia de coisas simples e pequenas é constante. Vera Lúcia, que foi à Itália para concluir seus estudos em Letras, procura solucionar suas contradições ensinando literatura brasileira na universidade italiana e, dessa forma, mantém-se perto do Brasil, ao mesmo tempo em que traz, para nossa terra, os poetas italianos.

Nesse sentido, quando a poeta Vera Lúcia de Oliveira foi reconhecida e incluída entre os canônicos da literatura italiana, ela disse não saber por que foi parar entre eles sem que ali, naquela obra organizada pela Prof^ª. Lucia Strappini, fosse mencionada também a sua produção em português e nem o fato de que, dentro de si, sentia-se talvez mais brasileira que italiana, ou, de qualquer forma, sentia que pertencia aos dois países ao mesmo tempo, e não apenas a um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 9 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. Disponível em: <<http://joacamillopenna.files.wordpress.com/2013/08/117023824-candido-antonio-formacao-da-literatura-brasileira-vol-1-e-2.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2014.
- DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Tradução Antônio Romane. Revisão Técnica Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- OLIVEIRA, V. L. **A chuva nos ruídos: antologia poética**. São Paulo: Escrituras, 2004.
- OLIVEIRA, V. L. **Entre as junturas dos ossos: poesias**. 1 ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006a. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/MEC_entre_ossos.pdf> Acesso em: 10 jul. 2014.
- OLIVEIRA, V. L. **No coração da boca**. São Paulo: Escrituras, 2006b.
- OLIVEIRA, V. L. "Atravessamentos de fronteiras". In: GONÇALVES, A. B. R.; CARRIZO, S.; LAGE, V. L. C. (Orgs.). **Literatura, crítica e cultura III: interfaces**. Juiz de Fora: Editora UFJF, p. 51-66, 2009.
- OLIVEIRA, V. L. **A produção de uma literatura por brasileiros no exterior e a constituição de um público leitor: entrevista** [20 de maio, 2014]. Juiz de Fora. 1 arquivo mp3 (22m10s). Entrevista concedida a Héllen Rodrigues Oliveira Góis, 2014a.
- OLIVEIRA, V. L. **Migrantes no mundo**. In: **II Encontro Mundial de Escritores Brasileiros no Exterior e I Seminário de Expressões Literárias da Diáspora Brasileira**, 1., 2014, Juiz de Fora. Palestra inédita. Juiz de Fora: UFJF, 2014b.
- SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- VIEIRA, Else R. P. **Poetas à deriva: primeira antologia da poesia da diáspora brasileira (Bilíngue) / Poets adrift: first anthology of the Brazilian diaspora**

(Bilingual). Compilação, introdução e estudo analítico por Else R. P. Vieira. Belo Horizonte: Mazza Editora, 2013a.

VIEIRA, Else R. P. Introdução: a dupla captura na poética da diáspora brasileira (a propósito da poesia pioneira de Vera Lúcia de Oliveira). In: _____. **Poetas à deriva**: primeira antologia da poesia da diáspora brasileira (Bilíngue) / **Poets Adrift**: first anthology of the Brazilian diaspora (Bilingual), p. 35-71, 2013b.

VIEIRA, Else R. P. Notas sobre Vera Lúcia de Oliveira/Notes on Vera Lúcia de Oliveira. In: _____. **Poetas à deriva**: primeira antologia da poesia da diáspora brasileira (Bilíngue) / **Poets adrift**: first anthology of the Brazilian diaspora (Bilingual), p. 35-71, 2013c.

VIEIRA, Else R. P. **Pelo mundo**: catálogo de escritores brasileiros no exterior. Londres/Juiz de Fora, 2013 b. Disponível em <<http://pelomundobrasil.blogspot.com.br/p/autores-brasileiros-pelo-mundo.html>> Acesso em: 10 jul. 2014.

Este livro terá seus primeiros leitores na Biblioteca Brasileira “Machado de Assis”, de Nova York, cuja imagem ilustra nossa capa. Os trabalhos dos dez pesquisadores que o constituem focalizam uma das questões mais instigantes do recente fenômeno da literatura da diáspora brasileira: as formas pelas quais os muitos escritores brasileiros no exterior — que, em geral, escrevem em português e publicam seus livros no Brasil — constituem um público-leitor. Abordam também os processos de alteridade de cada escritor analisado. Os investigadores lançam um desafio para os herdeiros desta pesquisa de ponta: essa produção seria uma manifestação literária ou um sistema literário em configuração? E deixam, para os talentosos escritores, o legado de uma fortuna crítica.

